

Por isso, o trabalhador fiel tem paciência ante as dificuldades. Prossegue na sua faina. Não cruza os braços. Não adota atitude passiva ou acomodada. Continua. Persevera. Ele sabe que com "Jesus e o tempo não há problema insolúvel".

Resguarda-se na fé e avança, cômico de que em breve, modificadas as circunstâncias, o problema será solucionado.

Chico Xavier menciona, na parte final, os reveses sofridos pelo chefe de Ismael Gomes Braga.

Trata-se de Joaquim Rola, homem de raro tino comercial e notável intuição no campo arquitetônico, apesar de ter tido apenas o curso primário. Saindo do nada, vida cheia de sofrimentos e dificuldades, veio a ser idealizador do Hotel Quitandinha e do Pavilhão de São Cristóvão, duas obras de arquitetura avançada para a época.

Numa visita que Joaquim Rola fez a Chico, a este é revelado que ali, defronte dele, está, reencarnado, o imperador romano Caracala, que levantou em Roma um de seus mais grandiosos monumentos, as chamadas Termas de Caracala. Chico dá notícia do caso na carta de 25-11-1948, dizendo não mais ter dúvidas quanto à revelação.

Joaquim Rola ficou satisfeito com o conhecimento de seu passado, imprimindo novo sentido à sua vida, transformando-se de materialista em crente na continuidade da vida após a morte, o que o levou a ajudar diversas obras assistenciais.

Perder o perispírito

9 — 3 — 1949

"(...) Tomei atenção no caso a que te reportas e, conforme a carta anterior, penso que a aplicação dos verbos "sublimar" e "rarefazer" atenderá às nossas necessidades, no momento. Creio que se persistíssemos em empregar a expressão "perder o perispírito" usando notas explicativas por parte da Editora não ficaria muito bem. As notas poderiam traduzir fraqueza ou insegurança. Assim, opinaria pelos verbos ultimamente sugeridos, para não ferirmos bruscamente os pontos de vista estabelecidos, embora tenhamos muita coisa a reconsiderar na conceituação doutrinária, na jornada evolutiva que vamos realizando. Nossos amigos do Alto, contudo, são de parecer que tudo se faça com tempo, paciência e medida. Façamos a nossa parte, não achas? Outros prosseguirão e sentir-nos-emos felizes se eles encontrarem menos aflições e menos sarcasmos. (...)"

Nota de 10-3-1949, inserta na mesma correspondência:

*"Meu caro Wantuil,
em reunião íntima de ontem, manifestou-se*

Emmanuel e pediu que no "Voltei" o nome do nosso amigo Sr. Fred Figner passe a ser "Irmão Frederico". Desse modo, não precisas devolver-me o original. (...)"

Esta carta e as duas posteriores têm seqüência de assuntos.

Referência de Chico Xavier ao livro "Libertação", de André Luiz, já mencionado anteriormente.

Chico e Wantuil preocupam-se com certo trecho do livro, onde o autor espiritual menciona o caso de Espíritos que *perdem o veículo perispiritual*. A expressão *perder o perispírito* é objeto de análise de ambos.

Vejamos no capítulo VI do livro "Libertação" como André Luiz coloca o assunto:

"De outras vezes, raras aliás, tive notícias de amigos que perderam o veículo perispiritual, conquistando planos mais altos. A esses missionários, distinguidos por elevados títulos na vida superior, não me foi possível seguir de perto.

Gúbio sorriu e considerou:

— Sabes, assim, que o vaso perispirítico é também transformável e perecível, embora estruturado em tipo de matéria mais rarefeita.

— Sim... — acrescentei, reticencioso, em minha sede de saber.

— Viste companheiros — prosseguiu o orientador — que se desfizeram dele, rumo a esferas sublimes, cuja grandeza por enquanto não nos é dado sondar, e observaste irmãos que se submeteram a operações redutivas e desintegradoras dos elementos perispiríticos para renascem na carne terrestre. Os primeiros são servidores enobrecidos e gloriosos, no dever bem cumprido, enquanto que os segundos são colegas nossos, que já merecem a reencarnação trabalhada por valores intercessores, mas, tanto quanto ocorre aos companheiros respeitáveis desses dois tipos, os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos também perdem, um dia, a

forma perispiritual. Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes que por muitos anos elegeram em centro de interesses fundamentais." (Páginas 85 e 86 da 11ª edição.)

Em nota de rodapé, à página 85, lê-se: "O perispírito, mais tarde, será objeto de mais amplos estudos nas escolas espiritistas cristãs. — Nota do autor espiritual."

Percebe-se, inicialmente, pelo teor da argumentação que Chico usa no texto da carta, que Wantuil de Freitas sugere a colocação dos verbos "sublimar" e "rarefazer" no lugar de "perder o perispírito" e ainda uma nota explicativa da Editora, com a qual Chico discorda expondo os motivos.

Analiseemos de nossa parte o texto transcrito, tentando substituir o verbo "perder" pelos dois outros indicados e iremos constatar que ambos não cabem no contexto em que estariam inseridos.

Tal coisa não passou despercebida a Wantuil de Freitas, que termina por aquiescer com a utilização do verbo *perder*, tal como se depreende na carta seguinte. E é desse modo como afinal foi publicado, colocando-se também a nota de rodapé transcrita.

Allan Kardec e Léon Denis, referindo-se ao tema perispírito, dizem, respectivamente:

"(...) o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua." ("O Livro dos Médiuns", Segunda Parte, cap. I, item 56.)

"É assim que os mais secretos movimentos da alma repercutem no invólucro fluídico." ("Obras Póstumas", p. 115, 21ª ed. FEB.)

"O nosso invólucro fluídico sutil ou grosseiro, radiante ou obscuro, representa o nosso valor exato e a soma de nossas

aquisições. Os nossos atos e pensamentos pertinazes, a tensão de nossa vontade em determinado sentido, todas as volições do nosso ser mental, repercutem no perispírito e, conforme a sua natureza, inferior ou elevada, generosa ou vil, assim dilatam, purificam ou tornam grosseira a sua substância. Daí resulta que, pela constante orientação de nossas idéias e aspirações, de nossos apetites e procedimentos em um sentido ou noutro, pouco a pouco fabricamos um envoltório sutil, recamado de belas e nobres imagens, acessível às mais delicadas sensações, ou um sombrio domicílio, uma lóbrega prisão, em que, depois da morte, a alma restringida em suas percepções, se encontra sepultada como num túmulo." (Léon Denis, "No Invisível", págs. 51 e 52, 9ª ed. FEB.)

Extremamente plástico, o perispírito obedece ao comando da mente, respondendo aos impulsos dominantes.

Por intermédio de André Luiz, e depois por outros autores espirituais, temos notícias mais pormenorizadas sobre o corpo fluídico do Espírito, as quais ao tempo de Kardec e Denis não existiam ainda.

O ensino dos Espíritos é progressivo.

Determinados assuntos, apenas aflorados em "O Livro dos Espíritos", foram desdobrados e aprofundados por Kardec em obras específicas e que surgiram gradativamente. Nota-se também que Kardec retorna muitas vezes a certos temas (como é o caso do perispírito) e, a cada passo, acrescenta um pouco mais em suas explicações. Por outro lado, é o Espírito de Galileu que diz, a certa altura, em "A Gênese", que tem de silenciar sobre muitas coisas:

"(...) e também, porque tenho ainda de calar-me no que concerne a certas questões, se bem já me haja sido dado aprofundá-las." (Cap. VI, item 19.)

Muitas revelações os Espíritos devem ter feito a Kardec, sobre as quais ele houve por bem silenciar por serem avançadas demais para a sua época.

Em relação a André Luiz, conforme temos visto, várias vezes este Espírito encontra dificuldades não apenas para encontrar palavras que expressem a realidade da vida espiritual, como também para não adiantar determinadas explicações que por ora seriam inoportunas.

Quase dez anos depois de "Libertação", André aprofunda-se no estudo do perispírito no seu livro "Evolução em dois Mundos", trazendo, inclusive, maiores detalhes acerca dos ovóides.

O autor espiritual nos diz que o Espírito pode perder o seu perispírito.

Isso ocorre nas seguintes situações:

1) *Espíritos Superiores.*

Kardec registra em "O Livro dos Espíritos", questão 186:

"*Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?*"

"Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros."

Através da psicografia do próprio Chico Xavier, encontramos a descrição que Irmão Jacob faz de Bittencourt Sampaio:

"Na câmara alva surgiu, de repente, uma estrela cujos raios tocavam o chão. Tão comovedoras vibrações se espalharam no recinto, que não suportei a companhia dos iluminados. (...)

Guillon e os outros me fitavam com lágrimas, e, contemplando a estrela que começava quase imperceptivelmente a tomar forma humana (...).

(...) Entre o êxtase e o assombro, notei que a estrela se transformava lentamente. Da nebulosa radiante alguém se destacou, nítido e reconhecível para mim. Era o magnânimo Bittencourt Sampaio, cuja expressão res-

plandecente constituía o que imagino num ser angélico.” (“Voltei”, caps. 15/16, 7ª ed. FEB.)

Portanto, mesmo Espíritos ainda vinculados ao Planeta, em razão de elevadas conquistas espirituais, apresentam-se como focos de luz ou uma estrela radiosa.

2) *Espíritos que se entregam ao monoideísmo auto-hipnotizante.*

Nestes se incluem os Espíritos primitivos, os selvagens, que anseiam por voltar à taba onde viveram e ao convívio dos seus. Estabelecida a idéia fixa, os órgãos do corpo espiritual se retraem ou se atrofiam. O desencarnado perde o seu corpo espiritual transubstanciando-se num ovóide.

3) *Espíritos em profundo desequilíbrio, os grandes criminosos e os pervertidos.*

Os clichês mentais de seus crimes e erros, repetindo-se continuamente, tornam vicioso o fluxo do pensamento, resultando no monoideísmo auto-hipnotizante. Perdem, então, os órgãos do corpo espiritual e, conforme o caso anterior, transubstanciam-se em um ovóide.

Para se ter uma idéia mais aproximada acerca dessas transformações, basta lembrar que no processo reencarnatório existem as “operações redutivas e desintegradoras dos elementos perispiríticos”.

*

Na nota do dia 10-3-1949, Chico transmite um recado de Emmanuel. Mas o pseudônimo de Fred Fígener ainda será modificado, como veremos adiante.

«Libertação». — Referência ao «Voltei»

13 — 3 — 1949

“(…) Nossos amigos do Alto consideram interessante a palavra sendas, mas os termos “evolutivas” ou “espirituais” são muito longos para um título. Que dirias do título “sendas libertas”? (Nota inserida no final da carta: “Wantuil, o nosso devotado Emmanuel é de opinião que o livro de André Luiz tem por centro a missão libertadora de Gúbio, efetuada pela força milagrosa do amor. Daí a necessidade de alguma palavra no título que nos recorde “liberdade” ou “libertação”).

Fico ciente de que os originais seguiram para as mãos de Ismael. Esperemos o que dirá. Considero muito acertado o que comentas com relação ao outro. Agirás como julgares acertado. É pena verificarmos certas particularidades tendentes a inovação brusca na mediunidade do nosso amigo, porque as faculdades dele são sublimes. Parece-me haver-lhe faltado Evangelho em começo, assim como a criança bem nascida, cheia de bondade e inteligência naturais, que se torna caprichosa por ausência de punição benéfica, no princípio da luta. As mensagens que ele recebe estão cheias de luz consoladora, e, tendo lido também as últimas, a que te reportas, nelas encontrei